



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

BACHARELADO EM HUMANIDADES**

LUGAR E MEMÓRIA:

O município de Pacoti, Ceará, vivenciado por meio de narrativas e fotografias

RAFAELA RODRIGUES DE SOUSA PEREIRA

REDENÇÃO – CE

2018

RAFAELA RODRIGUES DE SOUSA PEREIRA

LUGAR E MEMÓRIA:

O município de Pacoti, Ceará, vivenciado por meio de narrativas e fotografias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Disciplina TCC II do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito básico para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Profa. Dra. Joceny de Deus Pinheiro

Redenção – CE

2018

RAFAELA RODRIGUES DE SOUSA PEREIRA

LUGAR E MEMÓRIA:

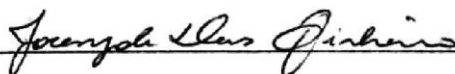
O MUNICÍPIO DE PACOTI, CEARÁ, VIVENCIADO POR MEIO DE NARRATIVAS E FOTOGRAFIAS

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em: 04, JUNHO, 2018

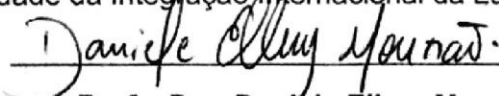
Nota: 10.0

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Joceny de Deus Pinheiro (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB



Prof. Dra. Daniele Ellery Mourão (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB



Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Pereira, Rafaela Rodrigues de Sousa.

86961

lugar e memória: o município de pacoti, ceará, vivenciado por
meio de narrativas e fotografias / Rafaela Rodrigues de Sousa
Pereira. - Redenção, 2018.

51f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto De Humanidades E
Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, Redenção, 2018.

Orientador: Joceny de Deus Pinheiro.

1. Fotografia. 2. Memória. 3. Narrativa oral. I. Pinheiro,
Joceny de Deus. II. Título.

CE/UF/BSCL

CDD 780

A fotografia eterniza aquilo que eu não posso falar e muito menos escrever, ela é a gravura da minha memória e do meu pensamento, no que o meu coração sentir, a foto revela o sentimento do qual eu não posso traduzir.

“Rafaela”

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por esse trabalho, e às pessoas que contribuíram com a realização dele, seja de forma direta ou indireta.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa elucida o papel da fotografia como dispositivo auxiliar da memória, que possibilita recordar o passado e a história do município de Pacoti. O trabalho também se volta para as narrativas orais dos moradores de Pacoti, que irão abordar principalmente a história que se revela para eles, a partir das fotografias que lhes foram apresentadas e que estarão presentes neste trabalho. A proposta da pesquisa é refletir sobre como os moradores de Pacoti estão relacionados com o passado de seu município e se os mesmos se sentem pertencentes a esse lugar, assim como também refletir sobre os aspectos dos quais as narrativas dessas pessoas transmitem sobre a origem/passado da cidade e seus costumes culturais que prevalecem até a contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia, memória, Pacoti, Ceará, narrativas orais.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 01 - Construção da CE – 253, que liga Redenção a Pacoti

Foto 02 - Fachada da casa do sítio São Luís

Foto 03 - Vista lateral do interior da casa do sítio São Luís

Foto 04 - Vista lateral da casa do sítio São Luís

Foto 05 - Capela de Jesus Crucificado

Foto 06 - Altar da igreja Nossa Senhora da Conceição

Foto 07 - Vitrais no interior da igreja Nossa Senhora da Conceição

Foto 08 - Estrada que liga Pacoti à Guaramiranga, CE – 356

Foto 09 – Cenotáfio de Dona Ana dos Santos

Foto 10 - Capela de Jesus Crucificado

Foto 11 - Patronato Imaculada Conceição

Foto 12 - Azulejo com identificação da rua Irmã Ferraz

Foto 13 - Rua Irmã Ferraz

Foto 14 - Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição

Foto 15 - Edifício Monsenhor Tabosa (Salão paroquial)

Foto 16 - Busto Padre Kiliano

Foto 17 - Arco de Nossa Senhora de Fátima

Foto 18 - Sítio São Luís, fachada da casa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. CAPÍTULO	4
1.1. A fotografia como complemento da memória	6
1.2. Memória, lugares e patrimônios	7
1.3. O processo interpessoal de Fotografar Pacoti e os métodos utilizados para obter entrevistas (narrativas) de seus moradores	19
2. CAPÍTULO	20
2.1. A narração	20
2.2. A narração como mediadora entre memória e fotografia.....	21
2.3. Narrativas de Pacoti	22
2.4. Lugares de memória e narrativas fotográficas de Pacoti	24
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

A fotografia e a narrativa oral são caminhos através dos quais a memória se faz visível e audível, seja ela individual ou coletiva. Com o auxílio da fotografia, podemos, ao passo de um clique, resguardar um passado, ou simplesmente resgatá-lo, imbuído – a cada olhar – de novas interpretações. A fotografia nos ajuda a reconstruir lembranças, reinventá-las, articulando passado e presente. A narrativa, por sua vez, é espaço fundamental de expressão da memória pois conta e revive o passado, sempre a partir do presente, fazendo isto com ou sem o auxílio da fotografia. No entanto, quando fotografia e narrativa se unem, vê-se que a imagem muitas vezes funciona como o gatilho disparador de lembranças. A imagem do passado ou do presente parece abrir portas no labirinto da memória, evocando histórias, gerando novas narrativas.

Estou interessada em compreender a relação entre fotografia, narrativa e memória, no contexto da cidade de Pacoti, no Maciço de Baturité, a partir do que (ou dos que) nela reside(m) hoje. Dito de outra forma, pretendo aqui começar a explorar a relação entre imagens da cidade de Pacoti (imagens estas de minha autoria) e as narrativas de moradores da cidade (a partir destas imagens), tocando naquilo que se pode compreender como sendo a memória coletiva de um espaço-tempo que é o Pacoti contemporâneo. Início, com isso, uma tentativa de identificar e analisar fragmentos da memória local – os fatores sobre os quais versam as narrativas, o conhecimento que nelas reside, e como se integram no presente cotidiano do município.

No percurso de realização deste trabalho, apoiei-me em pesquisa bibliográfica sobre o tema da memória, da narrativa, da fotografia e da história de Pacoti, assim como me vali da consulta a acervos online e, sobretudo, da pesquisa de campo de caráter mais antropológico - fase durante a qual tive a oportunidade de fotografar um pouco do patrimônio material e arquitetônico da cidade e entrevistar alguns de seus moradores atuais, incluindo estudantes pacotienses que se encontram vinculados à UNILAB. Além de moradores e estudantes, entrevistei ainda um historiador local amplamente reconhecido como autoridade acadêmica na história de Pacoti, assim como colhi depoimentos da coordenadora de uma escola local que é referência na cidade e de uma guia turística daquele que é provavelmente um dos sítios (e agora ponto turístico) mais conhecidos do lugar.

A escolha daqueles que aqui atuam como interlocutores da minha pesquisa se deu em função de oportunidades que foram surgindo ao longo do período da pesquisa. Inicialmente, meu objetivo central era conversar com transeuntes e comerciantes de Pacoti, porém os mesmos não se mostraram receptivos para uma entrevista em meio ao breve tempo disponível para a pesquisa (e sobre isso irei me deter melhor ao longo do capítulo 2, onde discorro sobre o ato de narrar). Mais do que o acesso a narrativas orais de maior profundidade, o que obtive de fato foram entrevistas que agora me servem de pistas para iniciar conversas e tentar chegar, num momento posterior, até as narrativas.

A tentativa de aproximação à memória local me mostrou outros desafios, um dos quais consiste no fato de que, como em toda cidade interiorana, Pacoti também viveu e continua a viver um fluxo migratório de pessoas em busca de melhores condições de vida. Enquanto alguns saem da cidade, outros chegam, e com isso ocorre uma descontinuidade na memória coletiva do lugar. Em termos práticos, esse desafio se traduziu na dificuldade de encontrar narradores que se sentissem à vontade de historiar o passado da cidade, com a riqueza de detalhes que somente aqueles que permanecem no local dominam.

Em outras palavras, o trabalho de campo, de imersão parcial (apenas em finais de semana ou feriados, quando podia me deslocar de Redenção até Pacoti, e sem os recursos financeiros para fazê-lo com maior regularidade, mostrou-se um desafio, especialmente quando se tratou de entrevistar pessoas, pois que para isto eu teria que construir uma relação de confiança mútua que demanda tempo, presença e permanência no local). Ao mesmo tempo, o desafio de fazer, pela primeira vez, uma pesquisa de campo de natureza acadêmica, com todos os seus riscos, as incertezas e as descobertas que me trouxe, deu-me a segurança de querer seguir com a empreitada no futuro.

Assim, uma questão importante a ser frisada aqui é que este trabalho constitui uma pesquisa exploratória, ou inicial, em todos os seus aspectos, portanto ainda em fase de amadurecimento, para posterior continuidade ao longo de umas das terminalidades do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (UNILAB) e, quem sabe, ao longo de uma experiência de pós-graduação em anos vindouros. Como um trabalho experimental de iniciação tanto no estudo da memória quanto da narrativa, da história e, principalmente, da fotografia, fruto das componentes curriculares TCCI

e TCCII, deve ser lido como o registro do que se pretende melhor explorar numa trajetória de pesquisa que aqui tem seu ponto de partida.

1. CAPÍTULO

Meu interesse de pesquisa pela fotografia no contexto aqui descrito nasce da percepção de que a imagem é capaz de cristalizar um instante. A fotografia, ao capturar um momento único no meio de muitos outros, pode ser utilizada como ferramenta para se evitar o esquecimento de algo, a exclusão de uma memória. Nas palavras do crítico de arte e escritor inglês John Berger,

Uma fotografia preserva um momento no tempo e impede que ele seja apagado pela sucessão de momentos seguintes. Quanto a isso, fotografias podem ser comparadas a imagens armazenadas na memória. Embora haja uma diferença fundamental: enquanto imagens lembradas são o resíduo de uma experiência *contínua*, uma fotografia isola a aparência de um instante desconectado. (BERGER, 1982, p.90)

Sendo assim, os instantes podem continuar a perpassar, mas nenhum detalhe passará despercebido diante das lentes de uma câmera fotográfica, pois a mesma registrará aquele momento e sua forma será preservada mesmo diante da continuidade do tempo. A fotografia possui assim grande valia para o exercício de preservação da memória de um lugar e de um tempo. Essa memória vai depender exclusivamente dos elementos constituintes daquilo que queremos resguardar, sejam elas lembranças de momentos vividos num passado longínquo ou situações cotidianas do presente.

Ao longo deste capítulo sobre fotografia, disponibilizo fotografias aleatórias do meu campo de pesquisa, as quais marcam a singularidade que o campo de pesquisa mostrou, assim como seus principais lugares de memória e igualmente de história, como na fotografia a seguir de um registro feito enquanto a ¹CE – 253 ainda estava sendo construída.

¹ Estrada recentemente construída que liga Redenção à Pacoti.



Foto 01 – Construção da CE-253, que liga Redenção a Pacoti

No meu próprio processo de pesquisa, a fotografia serviu como base para apresentar Pacoti a seus moradores a partir de um olhar sobre a construção da cidade e a forma através da qual o município de Pacoti se ergueu. Com foco no patrimônio material e arquitetônico existente hoje, as fotografias, embora reflitam sobre o passado, representam a cidade em seu momento atual, portanto apontando para as vivências e condições em que Pacoti se encontra na contemporaneidade. Nesse percurso, na medida em que os entrevistados observam a fotografia do lugar sobre o qual eles escolhem falar, a imagem funciona como um gatilho que dispara flashes de lembranças, ativando memórias, provocando o desejo de revelar um pouco da sua percepção do tempo e do espaço e fazendo com que essas mesmas pessoas tenham consciência de seus arredores.



Foto 02- Fachada da casa do sítio São Luís

1.1. A fotografia como complemento da memória

A fotografia causa fascínio desde o renascimento, quando os pintores renascentistas usavam câmeras fotográficas inspiradas nas primeiras câmeras escuras, utilizadas para alcançarem maior nitidez em detalhes em suas pinturas, sendo necessário ressaltar que o surgimento da fotografia possui ainda muitas vertentes e não podemos atribuir seu início apenas ao surgimento dos primeiros ²daguerreótipos. Podemos entender melhor esse processo quando

A invenção da fotografia não pode ser confundida com a descoberta das placas sensíveis à luz, e por isso a data de 1826 (quando Niépce registra ou fixa imagens na chapa fotográfica pela primeira vez) é arbitrária para designar o nascimento do processo. (MACHADO, 2017, p.36)

Desta forma, lanço uma reflexão que nos movimenta para além do tempo, observando que a fotografia rememora desde os tempos mais remotos, e então sua composição como um elemento da funcionalidade da memória também se faz presente. A captura de imagens é um constante jogo entre a máquina que faz o registro e o olhar daquele que segura a câmera e seleciona o assunto de sua fotografia. BENJAMIN (1931, p. 55) nos diz que a imagem registrada no equipamento

² Aparelho fotográfico, criado por pelo físico e pintor inglês Daguerre, entre 1787 e 1851, que consistia em obter imagens em uma folha de prata em conjunto com uma placa de cobre a partir da câmara escura.

fotográfico captura de forma diferente aquilo que o olho humano é habituado a notar. [...] A natureza que fala à câmera é diferente da que fala aos olhos. E ainda acrescenta que é

Diferente sobretudo porque a um espaço conscientemente explorado pelo homem se substitui um espaço em que ele penetrou inconscientemente. Se é vulgar dar-mo-nos conta, ainda que muito sumariamente, do modo de andar das pessoas, já nada podemos saber da sua atitude na fração de segundo de cada passo. Mas a fotografia, com seus meios auxiliares – o retardador, a ampliação – capta esse momento. Só conhecemos esse inconsciente óptico através da fotografia. (BENJAMIN, 1931, p.55)

Observo que diante das palavras citadas acima, a fotografia apresenta sua singularidade de forma a nutrir somente a captura de um singelo momento que não se pode controlar exatamente os resultados que virão desta imagem, apenas se pode mediar o que virá, mas há algo na fotografia que se oculta em primeiro momento e que não se faz nem tão ligeiramente presente, só após uma observação mais criteriosa que podemos entender o seu mistério e ir além do que a fotografia nos revela. BERGER (1968, p.38) esclarece que a fotografia traz em si um momento inconsciente que se revela com um determinado tempo e ainda nos diz que “... a fotografia é o processo de tornar a observação consciente de si mesma.” Ou seja, é no momento em que observamos a imagem que nos damos conta de fatores que antes não nos eram visíveis. BERGER (1968, p.39) diz que “... uma fotografia, ao registrar o que foi visto, sempre e por sua própria natureza se refere ao que não é visto. Ela isola, preserva e apresenta um momento tirado de um *continuum*.”



Foto 03 – Vista lateral do interior da casa do sítio São Luís

Noto que a função da fotografia em si é nos apresentar um recorte da realidade com a qual interagimos e sentimos. A imagem sempre irá ocultar a outra parte que foi excluída, o contexto de todo conteúdo que nos é visível perante o momento em que seguramos a câmera e que não será incluído dentro da imagem. Na medida em que adentramos nas ferramentas de compreensão de uma fotografia e na fotografia de modo geral, verificamos que ela se torna a peça de todo um quebra cabeça que deve ser montado à medida que tomamos consciência de seus detalhes e de suas partes faltantes.

Um instante fotografado só pode adquirir significado na medida em que o espectador possa ler uma duração que se estende além dele. Quando achamos que a fotografia é significativa, estamos atribuindo a ela um passado e um futuro. (BERGER, 1982, p.91)

De tal maneira vemos que a fotografia exerce um papel coadjuvante, sua função é apenas capturar o momento, uma determinada cena e excluir o restante do cenário, o que fica de sua interpretação vai depender unicamente dos elementos que construíam a imagem capturada. Dentro deste contexto, é importante ressaltar que muitas vezes a interpretação de uma fotografia só cabe àquele que estava presente no assunto da imagem ou ainda aquele que de alguma forma participou da cena fotografada ou que acompanhou a história da mesma. Ainda assim, muitas vezes a

fotografia parece ser dotada de um gênio próprio, nos propiciando uma certa imobilidade ao adentrarmos no assunto fotográfico, deparando-nos com o descontínuo e a dúvida existente sobre o que acontece com o cenário depois, tornando por vezes a fotografia inclassificável. Para Roland Barthes (1915-1980), a foto representa um constante infinito infiltrado em uma única cena, que não adquire continuação, pois justamente está presa dentro daquilo que conjugamos como a própria fotografia.

O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Nela, o acontecimento jamais se sobrepassa para outra coisa: ela reduz sempre o *corpus* de que tenho necessidade ao corpo que vejo; ela é o Particular absoluto, a Contingência soberana, fosca e um tanto boba, o Tal (tal foto, e não a Foto), em suma a *Tique*, a Ocasão, o Encontro, o Real, em sua expressão infatigável. (BARTHES, 1915/1980, p. 14).

O que traduz a fotografia não é a simples imagem crua embutida em sua frágil aparência, mas os elementos das cenas representadas, a alegoria de informações que podem estar contidas nela, como modelos de situações que representam as muitas sociedades existentes, por isso a fotografia representa e guarda uma história significativa em cada click que a cria.

(...) a fotografia sempre traz consigo seu referente, ambos atingidos pela mesma amabilidade amorosa ou fúnebre, no âmago do mundo em movimento: estão colados um a outro, membro por membro, como o condenado acorrentado a um cadáver em certos suplícios... (BARTHES, 1915/1980, p. 15)

É de se observar que o fascínio correlacionado com a imobilidade fotográfica é justamente seu apreço por conter cenas/momentos enquadrados, excluindo todo o cenário restante e ao mesmo tempo resguardando contra as terríveis ações do tempo. Barthes acreditava que a fotografia era “o retorno do morto”, isso ele definia como sendo umas das essências da fotografia, outra forma de pressupor as outras essências fotográficas é com relação a quem opera a câmera, como veremos na citação a seguir

Eu podia supor que a emoção do *Operator* (e portanto a essência da Fotografia-segundo-o-fotógrafo) tinha relação com o “pequeno orifício” (*estênopo*) pelo qual ele olha, limita, enquadra e coloca em perspectiva o que ele quer “captar” (surpreender). (BARTHES, 1915/1980, p. 17)

Sendo assim, a fotografia é um excelente complemento da memória, não do modo como o nosso cérebro a registra e cria as lembranças, mas como um fator à parte, algo que não fica ao nosso alcance em todo momento. Então, somente se a buscarmos em outros elementos (câmera fotográfica, arquivos ou álbuns) é que teremos outra resolução, outra parte que se liga à nossa memória e se conecta aos nossos sentidos.

A fotografia não fala (forçosamente) *daquilo que não é mais*, mas apenas e com certeza *daquilo que foi*. Essa sutileza é decisiva. Diante de uma foto, a consciência não toma necessariamente a via nostálgica da lembrança (quantas fotografias estão fora do tempo individual), mas, sem relação a qualquer foto no mundo, a via da certeza: a essência da Fotografia consiste em ratificar o que ela representa. (BARTHES, 1915/1980, p. 72)

E assim a fotografia atribui esse sentido de validação, que situa e valoriza a história nela própria contida. As fotos são sutis ao mencionar lembranças, não de maneira forçosa e sim de uma forma singular e única. Na citação a seguir, observamos o contexto singular da fotografia em que seus mecanismos resultam de duas vertentes, onde encontramos um quê de máquina e um quê de subjetividade humana - ambas trabalham em conjunto para produzir espécimes de pequenas memórias registradas por um olho mecânico e outro biológico.

O que parece uma simples representação bidimensional da realidade contém não só seu tema, mas também sua época e lugar, seu criador, e a sugestão do que foi deixado fora do enquadramento; o que aconteceu antes daquele momento e o que pode ter ocorrido a seguir; e, o mais fascinante de tudo, os próprios espectadores espelhados por suas interpretações pessoais, filtradas através de sua formação cultural e histórica. (DILG, 2016, p. 06)

A citação acima foi retirada da introdução de um livro que explica conceitos técnicos das diversas formas de se construir uma boa fotografia. Desta forma observo que no contexto citado, a fotografia funciona de duas maneiras, ela não se forma sem um conjunto de elementos, entre os quais a câmera e o olhar humano, que não estão sujeitos apenas a configurar a construção de uma imagem, mas, também, de revelar lições de uma época e cultura, em uma gravura explícita de toda a subjetividade humana.



Foto 04 - Vista lateral da casa do sítio São Luís

É importante situar que a fotografia têm em sua consistência uma maneira diferente de tocar/emocionar as pessoas, podemos diferenciar pelas fotografias que nos representam as que retratam situações distantes de nossa realidade e também aquelas que nos mostram em sua composição de cenário, ou seja esses fatores influenciam de maneira distinta a nossa percepção, ou até mesmo o nosso inconsciente, de forma a atribuir significados diferentes para uma mesma fotografia.

A fotografia é uma síntese resumida de muitas histórias e clamores, entre técnica e captura, concepção da imagem, existe entre linhas um motivo maior que pode ser perpassado na fotografia, ou ficar oculto para os seus telespectadores.

Sendo assim a foto/imagem é a evidência onde se transmite aquilo que existe ou já existiu, ressaltando que essa evidência pode ser registrada com fidelidade ou pode ser manipulada para se obter um resultado que se deseja. Porém, de maneira geral, a fotografia costuma deixar em seu percalço a realidade momentânea, a representação como uma espécie de caricatura que anuncia os elementos de sua composição.

A fotografia é uma evidência intensificada, carregada, como se caricaturizasse, não a figura do que ela representa (é exatamente o contrário), mas sua própria existência. A imagem, diz a fenomenologia, é um nada de objeto. Ora, na fotografia, o que coloco não é somente a ausência do objeto; é também, de um mesmo movimento, no mesmo nível, que esse objeto realmente existiu e que ele esteve onde eu o vejo. (BARTHES, 1915-1980, p. 96)

Entendemos desta forma que até a maneira que a fotografia é usada interfere na conclusão do seu sentido final, de modo que às vezes não será possível entender o seu sentido de imediato, pois existem fotografias que detêm em si muitas possibilidades de significado, assim como existem outras fotografias que nos lembram de histórias passadas e muito conhecidas no contexto geral de toda a história humana.

1.2. Memórias, lugares e patrimônios

A memória é um componente de nossas vidas que faz registros permanentes daquilo que aprendemos, das vivências do nosso dia a dia, assim como guarda lembranças adquiridas a longo prazo. A memória é antes de tudo o fator que estabelece e contribui com a subjetividade humana.

“Memória” significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizado ou aprendizagem: só se “grava” aquilo que foi aprendido. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só *lembramos* aquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido. (IZQUIERDO, 2011, p. 01).

As definições que abrangem a memória são amplas, mas entendo também que a mesma é o mecanismo onde podemos consultar e reviver algumas vivências já muito esquecidas, ou trazer à tona lembranças resguardadas no inconsciente individual ou coletivo. Muitas vezes também a memória transmite e interage no exterior dos indivíduos a identidade social, construída coletivamente e dentro de uma determinada sociedade. No respectivo trabalho, nos deteremos no fenômeno da memória coletiva, assim como também na memória de lugares e suas manifestações individuais, onde poderemos analisar esses dados com base nas entrevistas fornecidas pelo moradores de Pacoti.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do

esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p. 09)

Como descrita na citação, a memória também é uma vivência em grupo, que transmite traços de sua constituição para gerações posteriores. A memória é sobretudo transmissão de legados, não só individuais, mas em construções sociais também. Em um conjunto de indivíduos a memória se desenvolve e redistribui-se também no ambiente em que essas pessoas moram, conjugando o que o seu lugar de vivência representa para si, ou seja ela não se encontra apenas no interior consciente/inconsciente dos indivíduos, mas também fora deles, representada também em monumentos, sejam eles patrimônios materiais ou imateriais, objetos ou ainda documentos. Desta forma concebemos que a memória não se limita apenas ao abstrato, mas também se faz concreta em objetos sensíveis aos nossos sentidos.

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993, p. 01)

Os lugares representados nas fotografias do próximo capítulo revelam justamente alguns dos lugares de memória do município de Pacoti. Compreendo que os lugares e seus presentes monumentos se distanciam do seu passado e de suas histórias justamente por já se reafirmarem em um novo presente no atual município.

O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar. (NORA, 1993, p. 14)

De fato a memória dos monumentos de Pacoti só podem ser acessadas a partir daquilo que foi deixado documentado, assim haverá a necessidade de se buscar essa memória, mas não é possível que os moradores se lembrem como seus patrimônios já foram de fato um dia, com raras exceções dos indivíduos que estiveram presentes no exato momento de suas fundações/construções. A necessidade de se preservar memórias históricas de um determinado lugar se articula com o desejo de elaboração

de uma memória e identidade coletivas que se fundamentam em um legado, dos quais os patrimônios podem representar para esses indivíduos questão de valores, relacionadas com a existência dos lugares de memória para os habitantes dessas cidades, ou no caso do município de Pacoti, podemos refletir o que suas construções memoriais contam sobre o passado e o presente da cidade.

É importante salientar que os monumentos/patrimônios como elementos presentes e participantes na cultura local são estruturas abertas à todo tipo de interpretação e compreensão. Eles se encontram dispostos como estruturas vazias e seu significado muitas vezes é atribuído pelos indivíduos residentes no local onde os monumentos se encontram, são esses indivíduos que vão preencher e dar sentido para os seus lugares de memória.

O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação. Voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. (LE GOFF, 1996, p. 01)

Em consonância com o que diz Le Goff (1996, p. 01), os monumentos têm um caráter perpetuador de memórias, uma espécie de denominador comum para se estudar as bases históricas do município de Pacoti. Em outras palavras, os monumentos descrevem como a economia, crenças e gestões políticas anteriores concebiam a cidade. Os caracteres anteriores que contribuíram para a formação da cidade também são situações fomentadas coletivamente.



Foto 05 - Capela de Jesus Crucificado

Os monumentos são sobretudo formas de se reviver uma memória no presente cotidiano atual da cidade, assim fixando os grandes ideais que motivaram suas construções, além de ser um método de contar a trajetória da cidade por meio de sua própria existência. Conforme PES & MILDER (2010, p. 19) “O sentido dos lugares de memória é parar o tempo, conter esquecimento, imortalizar a morte, materializar o imaterial”. Ou seja, os sentidos adquiridos e formulados para os lugares de memória é preservar o passado, mesmo com as intempéries do futuro, e ainda refletir que

(...) a memória é um conceito relacionado à construção de identidades, que se dá de forma coletiva e individual, lembrando que o ato de recordar é, em si mesmo, um ato de alteridade. A memória também é seletiva. Ela nunca poderá ser um mero registro, pois é uma representação afetiva, ou melhor, uma representificação feita a partir do presente. (PES & MILDE, 2010, p. 18)

Sobretudo posso referir que a memória dos monumentos vai adquirir detalhes novos a partir do momento em que a cidade estará vivendo. Os indivíduos não vão obter a mesma concepção de tempo dos moradores que estiveram na fundação da cidade, portanto a memória sofre alterações de acordo com o tempo e a vivência das

peessoas, embora pertençam a um mesmo lugar geográfico, as suas memórias não são codificadas de uma mesma maneira. Em Pacoti, assim como em outros locais, verificamos que

Alguns dos elementos que constituem o patrimônio cultural podem ser considerados representações simbólicas construídas a partir de interesses grupais. Entretanto, cada elemento patrimonial pode assumir um significado diferente para os diversos grupos integrantes da sociedade, os quais se identificam, ou não, com determinadas expressões de patrimônio. (SANTOS & VITOR, 2011, p. 162)

O patrimônio sendo este diretamente associado com a memória de determinados grupos, que podem vir a ser maioria ou minoria, está relacionado com os modos de vidas das pessoas e podem ser desconsiderados por outros grupos que não dividem a mesma forma de pensamento ou crença. No caso da cidade de Pacoti, a maioria dos lugares de memória como a igreja matriz e a capela de Jesus crucificado são grandes símbolos de memória para os católicos da cidade. Não sabemos como pacotienses seguidores de outras religiões percebem esses monumentos, ou quais suas concepções sobre eles, mas o fato é que ao viverem na cidade se deparam cotidianamente com os mesmos.



Foto 06 - Altar da igreja Nossa Senhora da Conceição

O que concebo sobre esses aspectos de crenças em relação ao patrimônio cultural do município de Pacoti é justamente o pensamento de que tais monumentos são criados a partir de construções de valores e crenças sociais, muitas vezes com interesse de visar uma influência de maior alcance social. SANTOS & VITOR (2011, p. 162) afirmam que “ O patrimônio cultural pode ser construído socialmente a partir de produção de representações sociais de diferentes grupos com intuito de influenciar demais grupos sociais...”

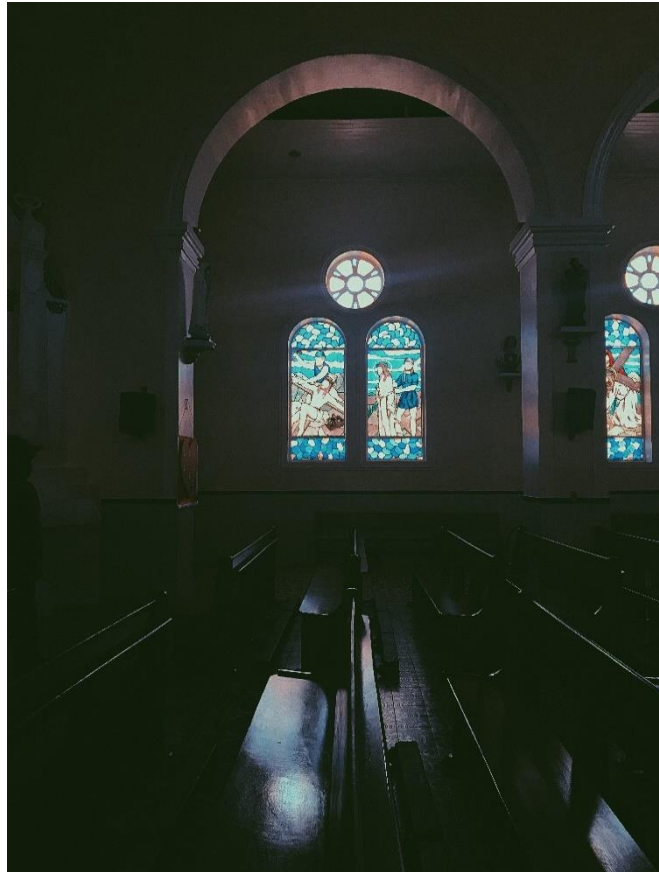


Foto 07 - Vitrais no interior da Igreja Nossa Senhora da Conceição

Outras observações feitas por mim são os fatores que correlacionam as vivências na sociedade, assim como o conjunto de referências de uma cidade influenciam os traços subjetivos dos indivíduos. Desta forma se torna crucial não só estudar a memória como um assunto único, mas todos os mecanismos que auxiliam na conservação de crenças e lugares que conjugam socialmente a memória das pessoas de uma mesma comunidade ou grupo.

O passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, como também nos permitem projetar o futuro; isto é, nos dizem quem poderemos ser. O passado contém o acervo de dados, o único que possuímos, o tesouro que nos permite traçar linhas a partir dele, atravessando, rumo ao futuro, o efêmero presente que vivemos. (IZQUIERDO, 2011, p. 11 à 12)

Observo que estudar as nuances que revogam o passado das cidades também revela traços de sua própria existência e fundação. Outra forma de estudar o passado é para justificar o futuro, trazendo para a nossa realidade no estudo do município de Pacoti, suas principais problemáticas atuais e reflexões.

1.3. O processo interpessoal de Fotografar Pacoti e os métodos utilizados para obter entrevistas (narrativas) de seus moradores

O trabalho de campo se tornou agradável mediante a tarefa de fotografar os principais lugares de Pacoti, que antes de tudo chamava verdadeiramente a minha atenção, antes mesmo de produzir ou pensar em produzir um trabalho sobre o município. Uma das principais questões que ressalto como motivo para se escolher fotografar Pacoti, é por meio destas fotografias, tentar de alguma forma guardar os traços há muito esquecidos, tentar reviver suas formas antigas e resguardá-las do passar do tempo que em nada é bondoso com monumentos que podem sofrer mudanças em sua estrutura física devido às ações naturais decorrentes do vento, da chuva e do sol. Então, assim, na condição de pesquisadora, eu produzi as fotografias para um futuro, afim de salvaguardar memórias e histórias, e onde também qualquer pessoa poderia acessar, porque estarão disponíveis para consulta e análise neste trabalho.

Após a produção e revelação das fotografias, voltei em Pacoti para entrevistar os moradores, porém de forma diferente: eu os entregava as fotografias e os deixava livres para falarem sobre ela. Desta forma, explicando de maneira mais clara, eu apenas orientava as pessoas para falar a partir do que elas sabiam sobre o objeto fotografado na imagem que elas tinham em mãos, pedindo a elas que falassem da importância (ou não) desse monumento para Pacoti, o que podiam contar sobre esse lugar para elas e o que a fotografia mostrava a elas.

Porém, é importante frisar, e como citado na introdução, houve pessoas que se recusaram a falar, embora não houvesse questões embaraçosas para serem discutidas ou expostas. Ressaltando também que todas as entrevistas obtidas foram autorizadas para constar nesse trabalho, e que mediante aos diferentes resultados que obtive das narrativas fotográficas, foi que a narrativa em nossa contemporaneidade segue um viés diferente de séculos atrás e isso será discutido com maior detalhes a seguir no segundo capítulo.

2. CAPÍTULO

Neste capítulo em especial, procuro fundamentar as características elementares que constituem uma narração oral e como a sua utilização contribui com uma nova forma de ressignificação para os monumentos de Pacoti, assim como também a interpretação utilizada pelos seus moradores desses locais importantes. Nesse texto, também utilizo referências de outros autores que trabalharam o conceito de narrativa, para procurar esclarecer de melhor maneira possível todos os processos que colaboram com o ato de narrar e sua influência e importância para a história do município de Pacoti.

2.1. A narração

O que entendo por narração atualmente é que ela se concretiza como a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1936). O intercâmbio de experiências se faz quando nos dispomos a discutir ou narrar acontecimentos, sejam cotidianos ou remotos de um passado distante.

A narrativa pode ser vista (...) como a própria criação sobre a experiência temporal de cada indivíduo em seu grupo, a possibilidade da permanência de si nos outros ou da continuidade de um tempo em outros tempos. (PINHEIRO, 2002, p. 108)

Encontro a narração mais presente em vários outros contextos, como as narrações presentes em redes sociais, Facebook, Instagram e WhatsApp, ou seja, temos então a experiência de narrar mais vinculada com os meios tecnológicos e de uma forma até mais privada, embora não se possa negar que ainda exista muitos meios em que podemos encontrar de forma ainda mais acentuada as narrativas orais, um exemplo onde podemos encontrar narrativas orais são nas sociedades tradicionais, comumente encontradas no continente africano. Já nas sociedades culturalmente modificadas pelo uso crescente de tecnologias vinculadas ao maior acesso possível de informações, podemos verificar que a “narrativa oral” é dividida em conjunto com outras narrativas, como já citadas acima, as narrações contidas em redes sociais, portanto se a narrativa oral é ainda importante, vai depender exclusivamente do contexto/ambiente em que ela será usada.

Muitas vezes, os narradores, na sua arte de contar o que já não “conta”, na sua arte de reter o que já passou ou de dar conta do inexistente, acabam por realizar uma espécie de “metafísica do perdido”. Eles estabelecem um “elo” entre o presente e o passado. “Elo” este que permite, a qualquer ouvinte, pensar na ideia da duração e da continuidade entre os vários tempos e espaços de um indivíduo ou de um grupo. Esse “elo”, naturalmente, é uma construção, construção que se faz pelo verbo. (PINHEIRO, 2002, p. 108).

No respectivo trabalho, me utilizo das narrativas para vivenciar e, até de maneira mais precisa, verificar se ainda existe alguma possível conexão entre os moradores de Pacoti com o passado histórico de seu município, e assim observar também se há uma existência de sentimento de pertencimento de grupo ou memória ao município na contemporaneidade.

2.2. A narração como mediadora entre memória e fotografia

A utilização da narração como mediadora entre memória e fotografia se torna possível mediante a sua eficiência em retomar o momento que foi descontinuado, ou seja, fazer o narrador reviver o passado a fim de se recontar um trecho de uma história já muito esquecida, isso não é um viés de regras, mas é o que torna a narração intermediadora. Para a professora, escritora e filósofa Jeanne Marie Gagnebin,

Define a questão que nos ocupa como a da importância da narração para a constituição do sujeito. Essa importância sempre foi reconhecida como a da rememoração, da retomada salvadora pela palavra de um passado que, sem isso, desapareceria no silêncio e no esquecimento. (GAGNEBIN, 2013, p. 03)

Para Gagnebin, fica claro que a função da narrativa é desencadear um processo que condiz com a memória, prontamente o ato de rememorar o passado. Já o contexto na narração para a fotografia é de torná-los ambos os complementos uma da outra.

Juntamente se poderiam criar fotografias em um contexto que se assemelhasse a uma narrativa puramente com imagens, mas o assunto a ser trabalhado nessa pesquisa é tanto a fotografia como a narrativa. Aqui, portanto, interesse-me a buscar auxílio na forma como John Berger interpretava a narrativa fotográfica.

A narrativa fotográfica o situa ante a tarefa da memória: a tarefa de continuamente *retomar* uma vida que está sendo vivida no mundo: Essa forma não se preocupa com os eventos como fatos — como sempre se alega

que faz a fotografia; preocupa-se com sua assimilação, seu recolhimento e sua transformação em experiência. (BERGER, 1982, p. 135)

Para Berger, a noção de fotografia fica contextualizada na forma em que a mesma se encaixa em detrimento da narrativa, ambos servem para dar sentido e clareza ao momento que não se repete, que não tem uma continuação prevista e se encerra aos olhos do observador, cabendo apenas o acontecimento ser narrado depois, para servir na finalidade da rememoração.

O ato de rememoração contido na memória e transformado em palavras pelo ato de narrar cria também cores visíveis aos sentidos no momento em que se introduz uma fotografia para se compartilhar. Tanto a narrativa como a fotografia se encaixam como finalidades demonstrativas para dar sentido e lembrança e a memória.

O ato de contar uma história é um processo singular que funde essas três categorias em uma só. E, em última análise, o que faz com que elas se fundam, dentro do processo, são as descontinuidades, as conexões silenciosas, aceitas num acordo comum. (BERGER, 1982, p. 134)

A descontinuidade dos acontecimentos é que mantém a aura tanto da narrativa como da fotografia, porém sabe-se que existem possibilidades de se tentar reproduzir uma variedade de coisas a partir de uma fotografia e uma narrativa, mas o caráter original das duas não podem ser remodelados a gosto de quem tentar reproduzi-las.

2.3. Narrativas de Pacoti

O município de Pacoti se originou a partir de um sítio chamado Pendência, depois com o seu crescimento, devido às intensas atividades do comércio de café, logo se tornou uma vila, a vila Pendência (Jucá, 2014). O município também conta com muitas histórias e memórias de um tempo passado, dotado de ruas que ainda preservam seus endereços marcados em azulejos portugueses, edifícios arquitetônicos que contam a trajetória do município e prevalecem com o passar dos anos (embora se sinta falta de uma política pública para preservá-los) e principalmente ainda conta com lugares que ajudaram em sua economia e crescimento, como o ³sítio

³ O sítio São Luís faz parte do Instituto São Luís que se encontra em Pacoti, localizado na CE-253, trata-se de um lugar histórico, cultural e também de visitas turísticas.

São Luís , que faz parte da ⁴rota do café verde e ainda preserva grande parte do seu passado histórico.

Percebo ao caminhar pela cidade, as ruas de paralelepípedos, casas em estilo colonial antigo, que apesar do tempo ainda resistem ao passar dos anos. De fato, caminhar pelas calçadas da cidade nos causa certa nostalgia, pois percebemos o contraste que o antigo faz com o moderno. Observamos tal contraste quando vemos as ruas de paralelepípedos se alternarem com as ruas asfaltadas, o que nos dá a percepção de que o município é uma articulação entre o moderno e o antigo. Adentrando um pouco mais entre as ruas nos damos conta da presença de azulejos portugueses anexados nas paredes de algumas casas (que provavelmente foram construídas ainda durante o período de formação da cidade), com o nome das ruas e a apresentação das pessoas homenageadas que dão nomes às ruas de Pacoti.

O professor e historiador Levi Jucá relata isso em seu livro *Pacoti, história e memória*, exatamente esse processo em que a cidade se encontra, entre uma metáfora viva do desenvolvimento e as amostras ainda visíveis do seu passado. JUCÁ (2014, p. 253) afirma que “[...] a cidade por si só é uma construção coletiva, mistura de novo e antigo, desenvolvimento e retrocesso, mas também conta com a preservação”.

Noto que o papel da memória na história de formação do município se faz importante, justamente por reviver o seu crescimento e toda a trajetória de seu desenvolvimento até se tornar a cidade que hoje conhecemos. Pensando nisso, buscamos saber, dos próprios nativos da cidade, sua concepção de espaço, sua memória sobre lugares, histórias e lendas, a partir da narrativa que constroem em torno de fotografias a estas pessoas apresentadas.

As narrativas possibilitam compreender como cada entrevistado se percebe em seu espaço de convivência. As narrativas também nos permitem ver que as narrativas de indivíduos não são exclusivamente individuais, mas sim parte de uma memória que é coletiva.

Podemos portanto dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução em si. (POLLACK, 1992, p. 204).

⁴ A Rota do Café Verde é uma iniciativa do SEBRAE, que propõe soluções de economia ecológica entre os principais sítios que ainda são produtores de Café no Maciço de Baturité.

Verifico também que a memória remete emoções e variados sentimentos, um elemento a mais para ressaltar sua vinculação com a identidade e pertencimento dos habitantes de Pacoti.

A memória registra vários elementos vinculados às emoções, sentimentos e ações do ser humano, daí surge a reflexão de que não existe apenas a identidade pessoal que o homem busca a fim de se compreender melhor como ser, mas também uma identidade coletiva que se forma, tanto no âmbito das relações pessoais quanto numa relação de pertencimento de um povo dentro de uma região, estado ou país. A memória é a preservação do passado, mas insere seus fundamentos no registro e no resguardo do presente, preservando-o. (ELLIOTT e MADIO, 2015, p. 01)

Segundo a citação acima, entendo que a memória coletiva de um município é construída socialmente em decorrência de muitos eventos significativos para todo um conjunto de indivíduos que dividem o mesmo espaço social. Sendo guardado nas lembranças a memória que justifica a base coletiva da própria cidade, ou seja, tudo aquilo que remete a identificação dos bens da cidade, sejam eles materiais ou imateriais, ambos representam uma memória viva e que pode transpassar séculos e se estabelecer como fator primordial dentro de um coletivo de memórias de diferentes indivíduos que residem na mesma cidade.

2.4. Lugares de memórias e narrativas fotográficas de Pacoti

A estrada CE 356 que liga Pacoti a Guaramiranga é uma das mais belas que se pode ver em todo o Maciço de Baturité, justamente porque é repleta de árvores dos mais variados tipos, entre elas o cipó e o bambu que dão um aspecto singular ao lugar e oferecem um clima agradável, deixando também a maioria dos trechos da rua sombreados. O trecho também conta com muitas propriedades, sítios, chalés e até restaurantes, o que deixa entrever a especulação imobiliária que existe na região. Outra estrada que também adquire destaque é a CE- 253, que interliga Redenção a Pacoti, sendo a mais nova opção de viagem para Pacoti é também uma porta aberta para a geração de mais especulação imobiliária na região, como se pode ver nos trechos da nova estrada já anunciados como espaço de loteamento.

Na imagem abaixo, fotografo a estrada que conecta Guaramiranga e Pacoti, onde o asfalto realiza um contraste com a presença da vegetação local, deixando o ambiente com uma aparência bucólica. Na imagem abaixo percebemos com clareza a dinâmica das árvores e o aspecto que suas sombras deixam sobre o asfalto.



Foto 08- Estrada que liga Pacoti à Guaramiranga, CE-356

Esse trecho entre Pacoti e Guaramiranga também é um símbolo importante para a memória local, pois é lá que se encontra a capela de Jesus Crucificado. A capela foi criada em homenagem a Dona Ana dos Santos Arruda (conhecida como benfeitora para o município de Pacoti, pois segundo a memória local ela contribuía com doações para escolas e igrejas da região), que faleceu no mesmo local em que foi construída a capela, no dia 19 de Janeiro de 1941, (Jucá, 2014). Também presente em frente à capela se encontra o cenotáfio, que marca exatamente o local em que Dona Ana dos Santos faleceu e foi erguido pelo seu esposo Ananias Arruda, figura tida como muito importante no Maciço de Baturité de sua época.



Foto 09 – Cenotáfio de Dona Ana dos Santos



Foto 10- Capela de Jesus Crucificado

A capela também é denominada capelinha do Arvoredo (sítio que se encontra próximo da localização da capela), ou Capelinha Donaninha. Em uma descrição realizada pelo historiador Levi Jucá, podemos conhecer melhor os eventos que ocorreram na decorrência do falecimento súbito de D. Ana dos Santos.

Domingo, manhã brumosa de 19 de janeiro de 1941, nas proximidades do sítio Arvoredo passava algumas alunas do Patronato da imaculada Conceição acompanhadas de D. Ana dos Santos Arruda (1895-1941), esposa do afamado Ananias Arruda. Donaninha, como era chamada, que também estava acompanhada da filha Rocivalva, sentiu-se mal durante a caminhada e de súbito faleceu ali mesmo à margem da estrada... (JUCÁ, 2014, p. 257)

Outra história interpretativa da mesma fotografia é a entrevista realizada com Ana Laura da Silva Abreu, nativa de Pacoti. Ana Laura relembra que

“Em relação ao cenotáfio, eu comecei a conhecer a história quando eu entrei pro grupo jovem explorador. Mas, antes disso, o que a gente sabia sobre ele era que era uma igreja antiga, e as pessoas até contavam que aparecia assombração, esse tipo de coisa, mas era o que a gente sabia sobre ele. Eu sempre fui muito curiosa, porque eu achava muito bonito, por ser bem tradicional e por ele ser bem na beira da estrada mesmo. Aí quando eu entrei no Jovem Explorador, o Levi me explicou toda a história da dona Aninha, né? Que ela faleceu lá e que nem foi na igreja, foi no outro lado, no lugar do cenotáfio e que a capela foi só pra lembrar mesmo do que o Ananinhas Arruda mandou construir e eu até descobri que ele tinha construído outra no lugar que ela nasceu, né? E assim, eu acho que a importância que ela tem pra cidade é bem cultural, até assim pra, particularmente pra mim também é importância bem cultural da história, de não deixar esses marcos pra trás, de sempre ter aquela lembrança de alguma coisa que aconteceu, por mais insignificante que pareça.” (Ana Laura da Silva Abreu, 29 de Novembro de 2018)

Em outra entrevista sobre o mesmo local, o estudante Marcelo Agostinho, também nativo de Pacoti, morador da comunidade Volta do Rio, menciona que

“É... o que eu conheço, dessa foto, desse local é que ele é meio malassombrado, e que alguns relatos de algumas pessoas que tiraram fotos nesse local é que apareciam alguns vultos, algumas partes meio que distorcidas nas fotos.” (Marcelo Agostinho, 09 de Novembro de 2017)

Em outra narrativa, concedida por Cassiano dos Reis, estudante da Unilab, o entrevistado rememora as informações que lhe contavam sobre a Capela de Jesus Crucificado, quando ainda fazia o ensino médio em seu município, Pacoti.

Bem, eu não sei qual é exatamente o nome, mas eu conheço por capelinha, é... o que eu sei de tudo, é que foi...ela foi feita em homenagem a esposa de um... é uma pessoa bem importante lá de Pacoti, eu não sei, se foi barão, visconde, uma coisa assim, que ele fez em homenagem a ela, depois que ela morreu, acho que foi com 7 dias que começaram a construção, e... um grande marco lá ainda, um grande ponto turístico, muitas pessoas passam, param, olham, e eu acho que ela tem um nome bem específico, esse tipo de construção, eu não sei lhe dizer, mas tem um nome bem específico e pelo o que eu sei, acho que ela é a segunda maior do Brasil, é isso que eu sei também... (Cassiano dos Reis, 09 de Maio de 2018)

Segundo as duas entrevistas acima, situo que a igreja de Jesus Crucificado adquire um aspecto místico na memória coletiva dos moradores da cidade. Observo também a constância em que os entrevistados mencionam que o local é coberto de mistérios sobre fotografias distorcidas e outros relatos de vultos presentes também em fotografias. A história original da capela é pouco reconhecida dentro da cidade, enquanto que os relatos e as lendas são mais presentes na memória dos moradores da cidade. É notável que a localização da capela e sua pintura desgastada só contribuem para que as lendas sobre ela sejam envoltas de mistério, pois a atmosfera bucólica de sua localização proporciona uma espécie de fascínio pelo desconhecido.

Na próxima imagem, tenho a fotografia da fachada do colégio Imaculada Conceição, igualmente importante no imaginário local. Em entrevista concedida por Jardette Reis da Silva, que foi professora por 8 anos e agora coordena a instituição há 2 anos, “ouvimos que”:

A escola Instituto Maria Imaculada tem um histórico muito rico, principalmente na vida das pessoas que passaram por aqui com intuito de levar novos conhecimentos e valores. É uma escola acolhedora, na qual tem o carinho de educar com amor. Temos uma capela, onde são realizados momentos de oração com os nossos alunos, familiares e visitantes. Como já ressaltai, por ser uma escola Vicentina, temos o carisma da educação religiosa, respeitando todos que aqui estudam independente de religiões. O ambiente da escola e suas dependências tem sua estrutura ainda conservada desde

sua construção, passando por apenas alguns reparos. (Jardette Reis da Silva, 08 de Janeiro de 2018)



Foto 11 - Patronato Imaculada Conceição

Em outra entrevista, realizada com Fernanda da Silva Ulisses, uma ex-aluna do colégio Imaculada Conceição, retrata com saudosismo suas narrativas, revelando vivências passadas na escola, identificadas como “memórias boas”:

O colégio IMT é bem antigo e faz parte da história de muitos pacotienses. É um colégio religioso comandado pelas Irmãs de caridade. Antigamente era um internato somente para mulheres, mas depois de alguns anos passou a ser uma instituição mista da rede pública e mais na frente mudou de público para privado. Escolhi a fotografia do IMT, pois este colégio tem um valor sentimental muito grande pra mim, estudei 7 anos nesse colégio e esses foram os melhores anos da minha vida escolar, além do mais, meus pais sempre quiseram que eu estudasse na mesma rede de ensino que eles estudaram quando eram mais novos e que eu estivesse um contato próximo com as irmãs de caridade. (Fernanda da Silva Ulisses, 23 de Novembro de 2017)

Já nessa entrevista que obtivi de Micael Felipe, ex aluno da escola Imaculada Conceição, rememora suas vivências e aprendizados que recebeu desde criança quando estudou na instituição.

Bom... eu estudei lá desde de pequeno, né? 10 anos de estudo no colégio, ai uma coisa que eu aprendi, é que lá eles passa muita mensagem pra ajudar o próximo, ai a gente sempre desde de pequenininho a gente

procurava ajudar o próximo. A coisa muito bonita que a gente fazia antes, juntava todas as merendas e fazia tipo um piquenique. Pronto! Se eu tinha pouco e ele tinha muito, não importava a gente ia comer igual, a irmã sempre procurava isso, ser solidária com a pessoa, ela sempre falava em quando a gente ia na igreja, sejam solidários, sejam humildes, que Deus recompensará tudo, isso é um fundamento que ela passava para mim, para nós todos que estudamos lá, ser solidário, ser humilde, que ser solidário é bom, ser humilde é também é bom, fazer o bem é bom e sempre ajudar o próximo, foi isso que ela repassou pra gente, o mais importante que aprendi no colégio. (Micael Felipe, 18 de Maio de 2018)

A escola se localiza na rua que possui o mesmo nome de Irmã Ferraz, onde podemos observar abaixo a tradicional identificação da rua em azulejos portugueses.



Foto 12 - Azulejo com identificação da Rua Irmã Ferraz

O interessante de se notar é o artefatos antigos que ainda emolduram as casas e as ruas da cidade, na fotografia abaixo, observamos a rua de um ângulo melhor.



Foto 13 - Rua Irmã Ferraz

Caminhando um pouco mais, logo encontro a igreja matriz Nossa Senhora da Imaculada Conceição. A igreja juntamente com o salão paroquial (edifício Monsenhor Tabosa) são patrimônios culturais de Pacoti, decretados em lei municipal no ano de 2002.

Em outra entrevista, Ana Laura conta sua interpretação, vivências e memórias relacionadas com a igreja matriz da cidade

Bom... eu desde pequena eu moro ao lado da igreja matriz e por ela ser no centro é algo bem importante, sempre chama atenção, por ela ser grande, a beleza dela, sempre chama atenção, mas como, como eu falei da capela, quando eu entrei no jovem explorador, eu abri muito meu olhar pra essas coisas que eram comum no meu cotidiano, passava por lá e via e era algo normal, mas quando eu entrei no jovem explorador, eu comecei a ver essas coisas de um olhar diferente, e até a igreja eu comecei a ver de uma forma diferente. A gente foi, fiz até uma trilha, e vi detalhes que passam despercebidos e que não são tão insignificantes assim, como a pintura, as portas, tudo tem um significado e veio pra minha vida, assim a igreja veio com essa importância porque eu via como uma igreja, a igreja matriz, a paróquia e tal, mas depois do jovem explorador eu vi que tem tudo uma história, tudo na nossa vida, na nossa cidade, tem uma história por trás e a igreja ela tem

uma história muito bonita porque, pra cidade ser emancipada tinha que ter uma igreja, tinha que ter uma paróquia, então, a cidade Pacoti, antes era Pendência, conseguiu ser Pacoti, por cauda da igreja e eu acho que é isso, por isso que ela é tão importante pra cidade. (Ana Laura da Silva Abreu, 29 de Novembro de 2018)



Foto 14 - Igreja matriz Nossa Senhora da Conceição

Na fotografia baixo, o historiador e professor Levi Jucá, nos narra a história do edifício Monsenhor Tabosa.

Esse edifício ele é um dos únicos edifícios de Pacoti que é tombado como patrimônio do município, por lei municipal, que é o edifício Monsenhor Tabosa, aonde funcionou originalmente o salão paroquial. Muita gente pode achar que sempre só teve uso pra igreja católica, mas ele era um espaço de reuniões políticas, de apresentação de peças teatrais de drama, era um espaço de sociabilidade do município de Pacoti de décadas atrás, era o único auditório que existia na cidade, ele foi construído no início dos anos 40 e ele homenageia um pároco antigo anterior à construção do prédio, que foi o padre Antonio Tabosa Braga Sobrinho, que ficou conhecido na história como Monsenhor Tabosa... (Levi Jucá, 14 de Março de 2018)



Foto 15 - Edifício Monsenhor Tabosa (salão paroquial)

Em frente à igreja matriz, noto a presença de uma estátua feita em homenagem ao Padre Kiliano. Pacoti, assim como outros municípios vizinhos, é predominantemente católico. Diversas narrativas sobre o crescimento e o desenvolvimento do município de Pacoti indicam a importância de atos religiosos especificamente católicos.



Foto 16 – Busto Padre Kiliano

Nessa entrevista, Antonia fala sobre a importância e significado da presença do busto do conhecido Padre Kiliano, em frente à igreja matriz.

É... esse busto aqui, eu acho importante, porque é o padre Kiliano, ele foi uma pessoa muito importante pra o desenvolvimento do Pacoti, tanto no momento crucial, porque ele trouxe recursos pros mais carentes, quando o município ainda tava sendo formado, era uma vila. Ele veio refugiado da segunda guerra e ele ajudou tanto a fundar o hospital, quanto a primeira escola que foi a Maria Maculada, ele foi padre por muito tempo da igreja e até hoje ele tá enterrado lá, ai ele é um... uma personalidade muito importante pro município, todo mundo é... admira muito ele, e até hoje fazem homenagens a ele, de vez em quando e ele era alemão se não me engano... é isso... (Antonia Jucileide Sales da Silva, 18 de maio de 2018)

No final da cidade encontro também um dos principais símbolos da cidade, o arco de Nossa Senhora das Graças.



Foto 17 - Arco de Nossa Senhora de Fátima

Sobre o arco de Nossa Senhora de Fátima, o professor Levi Jucá, relata a história de um dos monumentos entre os mais significativos da cidade de Pacoti, onde o mesmo é referido como um símbolo de fé e milagres para os moradores do município

(...) Bem é um pouco da visão histórica, né? Da pesquisa sobre esse monumento, o arco de Nossa Senhora de Fátima. O original, ele foi erguido em 1953, por ocasião da vida da imagem de Nossa Senhora de Fátima, peregrina de Portugal, foi uma época de divulgação muito forte no Ceará, da devoção à Nossa Senhora de Fátima, porque tavam construindo um santuário lá na avenida treze de maio, em Fortaleza, que é a igreja de Fátima, como é conhecida hoje, né? E essa imagem passou por várias cidades do interior, e uma delas foi Pacoti. Então cada cidade dentro de suas limitações, dentro de suas realidades juntaram as pessoas, os benfeitores da paróquia da comunidade pra fazer a construção de monumentos que recebem a imagem, e que de preferência fossem na entrada da cidade, ou em algum logradouro importante central. No caso de Pacoti, o local onde ele foi construído foi exatamente na entrada de Pacoti em relação à Palmácia, que é a distância mais próxima da capital Fortaleza, mais do que o outro acesso que é via Guaramiranga, Baturité. Então. Até hoje as pessoas têm uma devoção muito grande por esse== monumento, inclusive quando elas chegam na cidade, quando estão chegando de viagem, se benzem, fazem um sinal da cruz, quando passam pelo monumento... (Levi Jucá, 14 de Março de 2018)

Aqui o entrevistado Cassiano dos Reis também fala sobre as suas impressões sobre o arco e seus traços arquitetônicos, nos revelando que as modificações feitas na reconstrução mais moderna do arco, modificou sua antiga beleza, quando o mesmo não havia ainda sido derrubado pelo caminhão que passava no município.

É... o arco de Fátima, ele se encontra na entrada da cidade, é... das entradas principais, o da foto aqui foi o... a reconstrução, uma restauração dele, porque o verdadeiro foi destruído com... acho que foi um caminhão que bateu, é... eu soube não sei se é verdade que foi feito em homenagem a Nossa senhora de Fátima, teve a inauguração no dia dela, e é isso... é um ponto turístico muito... é muito bonito, eu acho, agora não tanto mais, mas antes era bem mais bonito, tem os traços arquitetônicos bem marcantes, é isso... (Cassiano dos Reis, 09 de Maio de 2018)

Nesse trecho a seguir, a Antonia Jucileide relata a importância do arco como uma manifestação religiosa de Pacoti.

O arco, eu acho importante, porque ele é uma manifestação religiosa que em cidade pequena é muito importante, né? E, ele foi construído em homenagem a passagem da santa, acho que foi em 1920... por ai, e quando teve a enchente que derrubou o arco, as pessoas ficaram tão tristes que reergueram o arco, elas mesmos se juntaram e reergueram o arco, porque religião é um..., ainda é muito forte lá em Pacoti, ele... eles, é tipo o pilar da nossa sociedade ainda lá, porque as pessoas lá são mais antigas e os costumes ainda são muito fortes, e eu acho que é muito importante religião... acho que é isso... (Antonia Jucileide Sales da Silva, 18 de maio de 2018)

Uma das últimas fotografias selecionadas foi a do sítio São Luís, um dos marcos para a formação e começo da vila Pendência que originou a cidade de Pacoti, como eu mencionei no início desse capítulo. A casa em si foi desenhada por arquitetos holandeses. Sua arquitetura é diferenciada dos outros casarões antigos encontrados na serra de Baturité.



Foto 18 – Sítio São Luís, fachada da casa.

Em uma entrevista feita com a guia turística do sítio, Laura nos conta um pouco de sua história e memórias decorridas enquanto morava do sítio

Meu nome é Laura, eu morei nesta casa dos 4 aos 14 anos, vive nesta casa o período mais bonito da vida de alguém que é justamente a infância e pré-adolescência, e ela poderia ser uma casa de taipa, mas não é, tem toda essa beleza, e ainda que... e isso só fortalece mais, né? A admiração que a gente tem por ela, dessa arquitetura tão diferente dela, dessa arquitetura tão acolhedora, que é uma casa que a gente percebe na reação dos visitantes, né? Que passam por aqui, como eles se sentem bem nessas varandas, como eles se sentem bem acolhidos, eles sentam por aqui, pedem até as vezes pra armar uma rede na varanda e se sentem acolhidos pela casa e a gente fica muito gratificado com tudo isso, e é uma casa que tem uma história de vida, a nossa história de vida está atrelada a história de vida dessa casa, a história dela é muito maior que a nossa, eu to passando, né? Eu já to com 42 anos, morei 10 anos da minha vida aqui e ela já está aqui fincada neste mesmo lugar há mais ou menos 160 anos. Quantas vidas, né? Se passaram por aqui? Quantos por aqui viveram? Cresceram? É... nesta casa. Eu fui batizada nesta casa e casei aqui, ao lado do casa na faxina de café. E é isso, a gente tem uma história de vida e de amor vinculados a esse casa. (Laura Goes, 16 de Dezembro de 2017)

Noto que em cada fotografia e narrativa, a memória local também carrega a própria identidade e assim transmite seu legado na consciência dos indivíduos locais, tendo influência na subjetividade dessas pessoas. Como muitos dos entrevistados cresceram em Pacoti, é notável que suas próprias maneiras de ver estejam relacionadas também com a sua convivência no município.

A memória é uma função psíquica, somos a memória que temos, mas ela vai, além disso. Ela também se sustenta nas imagens, nos valores e sentimentos existentes no meio social que resultam numa construção e troca de experiências (existentes num passado) através de indivíduos que interagem entre si no presente. (SILVA, 2012, p. 16)

Na citação observo uma clara demonstração que a narrativa realmente se constrói e interage com a subjetividade das pessoas, assim como o seu meio social, observo como alguns dos entrevistados pareciam narrar mais de si mesmos do que das fotografias. PINHEIRO (2002, p.110) Diz que que o processo da narração introduz e reflete a própria subjetividade daquele que participa do ato de narrar. Afirmando que “[...] Ademais, quando historia um acontecimento, o sujeito narrador coloca em jogo

sua própria subjetividade, como se tocasse um objeto e sobre ele ficassem registradas as suas impressões digitais.” E no caso do município de Pacoti, podemos dizer que esse processo ocorre em algumas das narrações citadas, onde podemos reconhecer esse sentimento de pertencimento ao seu lugar de memória, pois a cidade em que eles residem também faz parte de si mesmos, onde suas memórias individuais se entrelaçam como peças centrais de todo um coletivo social.

Também percebo que algumas narrativas parecem apenas noticiar um fato distante da vida dos entrevistados, porém é importante salientar que essas narrativas foram geradas entre o primeiro contato de entrevistador e entrevistado, por isso o processo pelo qual se procurou a busca de indivíduos capazes de narrar gerou a existência de uma dificuldade inicial para se elaborar as entrevistas que dariam origem às narrativas, em que o primeiro contato com os entrevistados, provavelmente gerou certo embaraço e talvez os indivíduos não se sentissem confiantes ao narrar um fato exterior a suas existências.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Termino por apontar as reflexões e resultados que obtive em meu primeiro contato e experiência de desenvolver esse trabalho, que considero ser a primeira parte de uma pesquisa a qual pretendo amadurecer em outros percursos de minha vida acadêmica.

Esse trabalho resultou em inúmeras descobertas pessoais e acadêmicas que certamente irão contribuir para a continuação do meu percurso de pesquisadora num futuro próximo. Ao iniciar essa experiência, mergulhei no universo da imagem para compreender tanto a teoria quanto a prática da fotografia, consultando manuais técnicos e teóricos de referência, como aqueles citados ao longo de meu trabalho: Roland Barthes, Walter Benjamin e John Berger. O mergulho na fotografia me possibilitou refinar meu uso da imagem como recurso metodológico na pesquisa, trazendo as fotografias que eu mesma produzi para dentro do trabalho de campo, como forma de ativar memórias e disparar narrativas entre meus interlocutores de pesquisa.

Uma segunda descoberta de importância para mim foi a própria história de Pacoti, antes pouco conhecida por mim. Além de apontar para momentos dessa história, aqui, a partir de uma bibliografia que versa sobre o município, atento também para a história contada a partir dos próprios moradores de Pacoti, quando atribuem sentidos aos patrimônios materiais que chamaram a atenção para a realização da pesquisa.

Uma terceira descoberta se deu pelo estudo mais sistemático da narrativa oral como fenômeno antropológico de suma importância. Em meu trabalho, as narrativas aparecem em articulação com as fotografias de referência para pesquisa, mais especificamente no subcapítulo 2.4, onde reflito sobre as nuances da identidade local, e como os indivíduos se auto percebem e percebem o patrimônio em meio ao que vivem. Nesse ponto da pesquisa, verifico a correlação das histórias que circulam sobre os lugares de memória de Pacoti, que resultam em um entrelaçamento de narrativas que perpassam por gerações inteiras, construindo desta forma uma base para uma memória tanto coletiva como individual dentro do município. Isso me deu a chance de observar a complexidade do fenômeno da memória na narrativa oral, com base nessas entrevistas feitas ao longo do trabalho de campo.

Para além das questões sobre as quais este trabalho se debruça, penso que é neste TCC que estabeleço o que poderíamos chamar de “molde” para a continuação de meu percurso como pesquisadora. Em outras palavras, o presente trabalho marca o momento em que começo a aprender sobre como realizar uma investigação de natureza científica, como desenvolver uma pesquisa de campo e como elaborar um trabalho acadêmico com os resultados de tal empreendimento.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R, 1915-1980. A câmara clara: nota sobre a fotografia/ Roland Barthes; Tradução Júlio Castañon Guimarães. – [ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. Il. (coleção 50 anos)

BENJAMIN, W, 1892-1940. Estética e sociologia da arte/ Walter Benjamin; edição e tradução João Barreto. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. – (Filô/Benjamin).

BERGER, John. Para entender uma fotografia/ John Berger; organização, introdução e notas Geoff Dyer ; tradução Paulo Geiger. - 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BORGES, A. S.; FERRAZ, M. G. Narrativas e fotografias: memórias do tempo vivido na ruína "Casa e Bazar Nazaré de Izidoro Cunha Júnior", em santana do capim-pa. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 16, n. 39, p.243-262, jan./ago. 2015.

BUENO, João Batista Gonçalves; GUIMARÃES, Maria de Fátima; SILVA, Karla Cristiny Moraes da. Educação patrimonial: potencialidades da leitura de imagens visuais de patrimônios culturais em livros didáticos de história. In: PAIM, Elison Antonio; GUIMARÃES, Maria de Fátima (orgs). **História, memória e patrimônio: possibilidades educativas**. Judiaí, Paco Editorial: 2012.

DILG, Brian. **Introdução**. Brian Dilg. ed. São Paulo: Publifolha, 2016. 160 p. v. 1.

ELLIOTT, A. G.; MADIO, T. C. C. A fotografia como documento e suporte à construção da memória. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, v. 16, 2015.

FOTOGRAFIA: 50 conceitos e técnicas fundamentais explicados de forma clara e rápida/ editor Brian Dilg; [tradução Thais Costa]. – São Paulo: Publifolha, 2016. – (50 conceitos).

GAGNEBIN. J. M. História e narração em Walter Benjamin/ Jeanne Marie Gagnebin. – São Paulo: Perspectiva, 2013. – (Estudos; 142/ dirigida por J. Guinsburg).

GOFF, L. J. *História e Memória*, 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996.

IZQUIERDO, Iván. *Memória*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 133 p. v. 2.

JUCÁ, Levi. Pacoti: **história e memória**. 1 edição. ed. Fortaleza: Premium, 2014. 332 p. v. 1.

MACHADO, A. **A ilusão especular: uma teoria da fotografia**/ Arlindo Machado. – São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

Memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992, p. 25-28.

NORA, P. In: *Les lieux de mémoire*. I La République, Paris, Gallimard, 1984, pp. XVIII – XLII. Tradução autorizada pelo Editor. © Editions Gallimard 1984. Tradução de Yara Aun Khoury, 1993. *Proj. História, São Paulo, (10), dez. 1993*

Memória / Iván Izquierdo. – 2. ed., rev. e ampl. – Porto Alegre: Artmed. 2011. 133 p: il. color. ; 23 cm.

P159 PAIM, ELISON . A, GUIMARÃES, FATIMA. M. (orgs.). **História, Memória e Patrimônio: Possibilidades Educativas**/Elison Antonio Paim e Maria de Fatima Guimarães (orgs.). Jundiaí, Parco Editorial: 2012. 200 p.

PAOLI, M. C. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In. **O direito à**

PES, Jaqueline Ferreira; SAUL, Eduardo Seiguer. Estâncias na região fronteira da Campanha Sul - Rio - Grandese: das origens ao estudo dos sítios arqueológicos remanescentes. In: PAIM, Elison Antonio; GUIMARÃES, Maria de Fátima (orgs). **História, memória e patrimônio: possibilidades educativas**. Jundiaí, Parco Editorial: 2012.

PINHEIRO, Joceny de Deus. *Arte de contar, exercício de rememorar: História, memória e narrativas dos índios Pitanguary*. 2002. 127f. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

POLLACK, Michael. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. Vol,5, n.10. 1992, p. 200-2012. Conferência transcrita e traduzida por Monique Augras. Edição: Dora Rocha.

SANTOS, Júlio Ricardo dos; VITOR, Amilcar Guidolim. Construindo socialmente o patrimônio por meio de representações sociais: O caso do Memorial Coluna Prestes de Santo Ângelo/RS. In: PAIM, Elison Antonio; GUIMARÃES, Maria de Fátima (orgs). **História, memória e patrimônio: possibilidades educativas**. Judiaí, Paco Editorial: 2012.

SILVA, Amanda Gomes Coriolano da. *Memória imagética: resgate histórico e cultural da cidade de Moreno através da fotografia / Amanda Gomes Coriolano da Silva. – Recife: O autor, 2012. 70 p: il.*